

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

EMBATES EM TORNO DA NOÇÃO DE ESTILO NA SOCIOLINGÜÍSTICA

Bruno Cardoso
Universidade Federal de Santa Catarina
brunolettras_ufsc@hotmail.com
Área temática: *Sociolingüística*

Resumo

Este trabalho de enfoque teórico discute o conceito de estilo na teoria laboviana em 2 momentos: um primeiro, criticado principalmente por linguistas como Nicolas Copland e Penélope Eckert, em que Labov vê o estilo na sua relação com o grau de atenção conferido à fala, isolando de maneira assustadoramente simplista os contextos em que isso ocorre, e um segundo na década de 90 em que Labov amplia sua descrição e seu tratamento empírico quanto ao fenômeno da variação estilística. Procurar-se-á buscar descrever e interpretar as abordagens de Labov quanto ao fenômeno da variação estilística à luz do seu projeto realista/positivista de ciência, de modo que o desenvolvimento da abordagem desse fenômeno se imbrica numa filosofia de ciência da qual toda a sua obra não se deixa prescindir. Imbuído desse pressuposto, passarei a analisar algumas críticas a abordagem laboviana de estilo, tais como as já citadas, visando a pensar sobre o grau de pertinência delas, ao mesmo tempo que discutirei o refinamento metodológico de Labov movido pela sua filosofia de ciência e pela sua inquietude diante do dado real da língua que nunca deixa de clamar por uma interpretação do cientista.

Palavras-chave: Teoria laboviana - Variação estilística - Filosofia de ciência

Introdução

Este trabalho de enfoque teórico discute o conceito de estilo na teoria laboviana em 2 momentos: um primeiro, criticado principalmente por linguistas como Schilling-Estes e Penélope Eckert, em que Labov vê o estilo na sua relação com o grau de atenção conferido à fala, isolando de maneira assustadoramente simplista os contextos em que isso ocorre, e um segundo na década de 90 em que Labov amplia sua descrição e seu tratamento empírico quanto ao fenômeno da variação estilística. Procurar-se-á buscar descrever e interpretar as abordagens de Labov quanto ao fenômeno da variação estilística à luz do seu projeto realista/positivista de ciência, de modo que o desenvolvimento da abordagem desse fenômeno se imbrica numa filosofia de ciência da qual toda a sua obra não se deixa prescindir. Imbuído desse pressuposto, passarei a analisar algumas críticas a abordagem laboviana de estilo, tais como as já

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

citadas, visando a pensar sobre o grau de pertinência delas, ao mesmo tempo que discutirei o refinamento metodológico de Labov movido pela sua filosofia de ciência e pela sua inquietude diante do dado real da língua que nunca deixa de clamar por uma interpretação do cientista.

O empirismo como ponto de partida

A heterogeneidade ordenada é um conceito valioso à sociolinguística na medida em que nela está encerrada toda a possibilidade de se poder atribuir a ordenação e a sistematicidade àquilo que aparentemente é caos ou variação livre. Este conceito poderoso carrega consigo a correlação sempre incessante com fatores internos ou estruturais da língua ou com fatores externos ao falante. Essa correlação sempre indelével entre os fatores externos/internos e o objeto variável se torna o “objeto de consumo” almejado por Labov que no seu clássico livro “Fundamentos empíricos para uma teoria da variação e mudança linguística” afirma que as técnicas de descrição linguística devem se adequar ao caráter heterogêneo desse objeto e toda a metodologia desenvolvida destina-se à descrição rigorosa da variação. Descrever rigorosamente e baseado em dado reais, que se transformam em grandeza numérica de um aparelho estatístico preciso, eis a chave para entender o modo como Labov captura o fenômeno variacionista. Eis a chave para compreender o modo como Labov destrinchará o fenômeno da variação estilística. E, em tudo isso, está uma necessidade de uma massa cada vez maior de dados a fim de corroborar empiricamente essa intrínseca relação entre a variabilidade estrutural da língua e os padrões socioculturais e ideológicos, o que só seria possível captar, segundo Luckesi (2004), a partir da propagação da mudança na comunidade de fala e não do surgimento da mudança. Ou seja, a sociolinguística opera com a mudança em propagação, não com a mudança em sua origem, pois assim lhe é permitido pela abordagem quantitativa. Pagotto (2001) afirma que a sociolinguística laboviana “é realista, especialmente no sentido mundano do termo e positivista” o que poderia até mesmo nos levar a ver a sociolinguística como um “dispositivo heurístico para checagem de hipóteses”(2001, pág. 78). Para Pagotto, portanto, tal realismo extremo guiaria o programa de investigação.

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Essa preocupação com a empiria é um fator visceral a ser considerado quando se aponta o gatilho para Labov a fim de criticar quaisquer aspectos da teoria da variação e mudança. Assim, deve-se levar em conta que por trás do trabalho auspiciosamente descritivo e objetivo de Labov existe uma filosofia de natureza realista a permear todo o seu projeto científico e o cientista tende em alguns momentos a abrir mão de alguns fatores por conta da impossibilidade de medi-los estatisticamente.

O estilo à luz da empiria

O livro "Padrões sociolinguísticos" (2008 [1972]) é sempre o ponto de partida dos críticos quando apontam o gatilho para as limitações do conceito de estilo proposto pelo sociolinguista norte-americano. Neste livro, no capítulo "O isolamento de estilos contextuais" Labov lança mão dos condicionantes estilísticos na abordagem de cinco variáveis lingüísticas das quais destacamos: a presença ou ausência de constrictão consonantal no /r/ pós-vocálico, final de palavras e pré-consonântico e as consoantes (th) e (dh) que podem se realizar como fricativa ou oclusiva, todos os casos estudados na cidade de Nova York, com 70 informantes localizados no Lower East Side. No primeiro caso, a pronúncia do /r/ é a forma mais prestigiada e no segundo caso a forma de prestígio é a fricativa.

Labov, logo no início do capítulo, apresenta a variável estilística como um "gigante" que os *goliats* da linguística geralmente temem enfrentar. E ele mesmo reconhece essa dificuldade:

Precisamos, de algum modo, capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos. A dificuldade do problema é considerável: no entanto as recompensas em solucioná-lo são grandes, tanto para alcançar nosso objetivo presente quanto para a teoria geral da variação estilística. (LABOV, 2008 [1968])

Para enfrentar esse gigante, Labov vai logo à raiz do problema, problema este que se resume em encontrar a técnica mais acurada o bastante para medir a extensão preponderante da regularidade existente. Ou seja, a metodologia que prover o maior

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

número de dados e regularidades é a “funda” que dará conta de abater o gigante da variável estilística, o que demonstra mais uma vez a maneira coerentemente empirista como Labov escolhe para resolver seus problemas. É com isso em mente, com esse ideal positivista de ciência, que ele vai propor a sua metodologia para descrever a variação estilística na fala dos nova-iorquinos, controlando os contextos de mais e menos formalidade e procurando definir os estilos de fala que ocorrem dentro de cada contexto, de modo que se possa testar e controlar essa variação regular, embora ele reconheça estar limitado pela situação de entrevista, que é sempre estruturada, formal, e em si mesma definiria um estilo de fala monitorada. A esse estilo da entrevista formal, que Labov chama de estilo B, ele vai opor toda a produção discursiva que ocorre em outras circunstâncias e que pode ser bastante diferente:

Ele [o falante] pode usar a fala monitorada em diversos outros contextos, mas na maioria das ocasiões estará prestando menos atenção à própria fala e empregará um estilo menos monitorado que poderemos chamar de fala casual. Podemos ouvir essa fala casual nas ruas de Nova York, em bares, no metrô, na praia, ou sempre que visitamos amigos na cidade. (LABOV, [2008, 1962])

Essas situações que escapam das restrições sociais da situação de entrevista são designadas de contexto A. Labov tomará o contexto B, a própria situação de entrevista, como o estilo mais simples de definir e que ele chama de fala monitorada, a qual ocorre quando o falante responde a perguntas formalmente reconhecidas como parte da entrevista. O terceiro contexto proposto é o contexto C ou estilo de leitura. Nele, redige-se um texto num estilo coloquial “para se obter uma fala o mais fluente possível e para envolver o leitor ao máximo na trama da história.” O quarto contexto é o contexto D ou lista de palavras, em que se pede ao informante que leia cada par de palavras em voz alta e, em seguida, diga se elas soam de modo idêntico ou diferente de como ela as pronuncia e por fim o contexto D, ou pares mínimos, onde o fonema, por ser um elemento diferenciador dentro do sistema linguístico, recebe o máximo de atenção. Além disso, Labov propõe que se construam situações de entrevista em que a fala casual apareça e assim torne possível um método formal para definir a ocorrência desses estilos. A partir das pistas no canal, tais como risos ou modulações de voz, seria possível apontar a presença de uma fala menos monitorada dentro da entrevista

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

sociolingüística. Fato é que o fator cognitivo perpassa todo esse primeiro aparato metodológico desenvolvido por Labov, de modo que todos os estilos de fala considerados se organizam nessa única dimensão do grau de atenção prestado à fala. Essa dimensão do grau de atenção prestado a fala segundo a qual, quanto mais próximo do vernáculo o falante estiver menos consciente da sua fala ele estará, formaria um *continuum* tendo a fala casual num extremo e a lista de palavras noutra extremidade.

Esse é o primeiro aparato metodológico engendrado por Labov para dar conta do fenômeno do estilo e, como tal, não deixou de ser passível de críticas. Elaborado na década de 70, tal abordagem, aparentemente simplista e redutora, conseguiu apanhar importantes e significativas regularidades linguísticas que podem ser conferidas no livro "Padrões Sociolingüísticos". Assim, o seu aparato funciona, na medida em que, além de ser um recorte da imensa complexidade de dimensões que a variação estilística pode abarcar, é também absolutamente coerente com sua visão realista de ciência. Apesar do corte movido pela circunstância de empiria possível, Labov não renega a possibilidade de o conceito de estilo se disseminar em várias direções e isso parece não ser levado em conta pelos críticos quando estes acusam a noção de estilo proposta por ele na década de 1970 de ser limitada e unidimensional. Labov (2001)¹ deixa transparecer que a organização de estilos contextuais ao longo de um eixo de atenção conferido à fala não foi empreendido como uma descrição da variação estilística produzida e organizada na fala cotidiana, antes foi sim uma maneira de organizar e utilizar a variação intra-falante ocorrida no interior da entrevista sociolingüística.

Schilling-estes (2004), apesar de reconhecer as virtudes do trabalho pioneiro de Labov, principalmente no que diz respeito à intersecção que ele conseguiu tramar entre variação estilística e estratificação social, tenta apontar algumas limitações da noção laboviana de estilo²: as pistas do canal são inconsistentes e oferecem

¹ Essas limitações apontadas tem partido geralmente de sociolinguistas que defendem uma agentividade maior do sujeito, no sentido de não ser ele apenas um reflexo diante de uma dada situação sociocomunicativa., mas sim um sujeito criativo e revestido de poder de reconfigurar e

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

dificuldades para quantificar a atenção que se confere à fala. Além disso, para a autora essa concepção de estilo tem oferecido poucos resultados interessantes, na maioria das vezes contraditórios, além de ser também de natureza extremamente unidimensional, uma vez que falantes apresentariam diferentes níveis ou marcas ou diferentes estilos casual e formal. Porém, Labov não está alheio às inúmeras potencialidades que a noção de estilo pode abranger. No texto "Some sociolinguistic principles", (2003 [1966]) apresentado por Labov em uma conferência nacional de professores de inglês, o linguista demonstra plena consciência de que falar de estilo é deflagrar a potencialização de inúmeras dimensões:

One of the fundamental principles of sociolinguistic investigation might simply be stated as There are no single-style speakers. By this we mean that every speaker will show some variation in phonological and syntactic rules according to the immediate context in which he is speaking. We can demonstrate that such stylistic shifts are determined by (a) the relations of the speaker, addressee, and audience, and particularly the relations of power or solidarity among them; (b) the wider social context or domain: school, job, home, neighborhood, church, (c) the topic. (LABOV, 2003 [1966] p. 234)

Percebe-se neste trecho um Labov com total consciência das inúmeras dimensões e abrangências que o conceito de estilo possa apreender, embora o fator cognitivo esteja sempre subjacente a cada uma delas. Desse modo, Labov não ignora na década de 1960 uma compreensão mais ampla de estilo, no que concerne a sua relação direta com a materialização de uma cena enunciativa e todas as consequências infinitas imbricadas nisso, mas sim, num gesto relativamente arbitrário de cientista positivista, descarta, naquele momento, operar com certos fatores sócio-estilísticos tendo em vista a impossibilidade de medi-los estatisticamente.

Em 2001, mais recentemente, no seu texto "Anatomia da mudança linguística" Labov descarta a possibilidade de querer ver o estilo dentro de uma única dimensão, no que parece estar rebatendo às críticas, pois a organização de estilos contextuais não foi pensada como uma descrição geral do modo pelo qual a troca de estilos é produzida no discurso de cada dia, mas sim como uma forma de organizar a variação

remodelar essas situações, bem como construir imagens e reconstruir imagens que o falante projeta de si mesmo. Ver Eckert (2000), e Coupland (2007)

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

intra-falante que ocurre dentro da entrevista. Assim o próprio Labov assume que o isolamento em cinco estilos contextuais foi mais um artifício metodológico do que uma pretensão à descrição completa do fenômeno na fala natural. ao longo do eixo de atenção à fala. E mesmo que os críticos proponham uma nova dimensão para o estilo, sempre escorregam na falta de dados empíricos que a comprovem.

Portanto, não estamos diante de um Labov na década de 70 demasiadamente inocente, como sugerem os críticos, pois inocente é quem o concebe como inocente, antes estamos diante de um pesquisador arguto, estratégico, cauteloso com os dados, ávido por obter as primeiras provas cabais da correlação da estrutura social com a estrutura linguística e que mantém em estado de latência essa descrição empirista mais sofisticada, embora chegue a assumir verbalmente em alguns momentos, tal como em 1968, a complexidade dos fatores envolvidos na variação estilística.

Mas essa busca por capturar fatores mais relevantes na compreensão do fenômeno do estilo levará o pesquisador a um amadurecimento do seu próprio fazer científico, tal como se vê em 2001 no desenvolvimento da proposta da árvore de decisão, um construto metodológico visando descrever com mais rigor a variação intra-falante que ocorre na entrevista sócio-linguística, o que me faz pensar que o conceito de estilo torna-se um conceito catalisador ou potencializador do refinamento de sua metodologia, demonstrando a vivacidade de um pesquisador que não deixou de refletir, principalmente quanto às próprias críticas recebidas.

Referência

Coupland, N. *Style: Language Variation and Identity*. Cambridge: Cambridge University: 2007.

Eckert, Penelope. *Linguistic variation: as social practice*. Blackwell publishing: Oxford, 2000.

Labov, William. *Bulding on Empirical Foundations*. In: Lehmann, W.; MALKIEL, Y. (eds). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92.

Identities dynamic: variation and change in Spanish of America

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Labov, William. *The anatomy of style-shifting*. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J.(org) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge University Press, 2001. p.85-118

Labov, William. *Some sociolinguistic principles*. In: PAULSTON, C. B & TUCKER, G.R (org) *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell Publ., 2003. p. 234-250.

Luckesi, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*. SP: Parábola, 2004.

Pagotto, E. G. (2001). *Variação e identidade*. Campinas, SP - Tese de Doutorado

Schilling-Estes, Natalie. *Investigating Stylistic Variation*. In: CHAMBERS, J. K & TRUDGILL P.(eds). *The handbook of language variation and change*. Blackwell Publishing: Oxford. p. 375 a 396.